

TRANSCRIÇÃO ATRAVESSA A VIDA – CORTE 21

(TC - 00:00:36) ATRAVESSA A VIDA

(TC - 00:00:45) um filme de João Jardim

(TC - 00:00:54) Queremos agradecer aos alunos, professores, funcionários e à direção do Colégio Milton DORTAS pela participação neste filme.

(TC - 00:01:03) **HOMEM (OFF)** - Vamos lá, pessoal, entrando aí.

(TC - 00:01:07) Durante três meses, acompanhamos os estudantes do 3º ano se preparando para tentar uma vaga na Universidade através do Enem.

(TC - 00:01:19) Mais de mil alunos estudam no Colégio Milton DORTAS, ele está situado na cidade de Simão Dias, em Sergipe, interior do Brasil.

(TC - 00:03:18) **PROFESSOR FAGNER** - Olha bem no fundo da caixa... Cuidado pra não se assustarem, viu? Pode te surpreender, hein? Cada um de nós aqui teve uma origem. Nós nascemos, não pedimos pra nascer nas condições e no contexto que nascemos, mas assim aconteceu. E dentro desse acontecimento que é o nosso nascimento, nós vamos tecendo o quê? A nossa história, não é assim? Tem um *filosofozinho* chamado Aristóteles, que ele vai trabalhar duas categorias importantes no seu conhecimento filosófico: o que ele chama de ato e o que ele chama de potência. O ato é aquilo que é, nós somos o que somos agora, isso é ato. Mas a potência é aquilo que pode vir a ser. Ainda não é, mas pode vir a ser. Então é o ser e não ser. Que a gente costuma dizer: “Ser ou não ser, eis a questão”, não é?, que reflete essa dinamicidade do próprio tempo. Tem um outro *filosofozinho* chamado Santo Agostinho, que é um filósofo da Escolástica. Perguntam para ele se o tempo é uma criatura, o tempo existe? Ele vai dizer o seguinte: “Olha, o tempo existe.” O passado ele vai chamar de memória, o presente de dádiva, e o futuro de esperança.

CARLA - Vai que a esperança morre? Aí não existe mais futuro.

PROFESSOR FAGNER - Aí não existe mais futuro.

RAYSSA - É o que eu quero ser, é? Na faculdade, é?

PROFESSOR FAGNER - E, o que você quer fazer quando terminar esse ano.

RAYSSA - Eu quero uma coisa fácil. Na rua, nas esquinas aí tem.

PROFESSOR FAGNER - Ela tá de brincadeira...

RAYSSA - Tô brincando. Num já sabia? É Engenharia, por causa do meu bofe. Tem que mandar nele, professor. Já mando, né, tenho que mandar mais, aí vou fazer agora, vou mandar em você, digo: “Ó, querido, não é assim, não, é dessa forma. Quem estudou? Foi eu. É a única forma que eu tô mandando...”

PROFESSOR FAGNER - Mas você se identifica... Você acha que se identifica com essa escolha?

RAYSSA - Ah, demais. Eu gosto.

CAMILA - Engenharia Civil.

PROFESSOR FAGNER - Engenharia Civil? Por que você quer fazer Engenharia Civil?

CAMILA - Ah, porque eu gosto, tipo, de cálculo, de matemática, de construção.

PROFESSOR FAGNER - Você se vê ali construindo, projetando...

CAMILA - A minha casa, entendeu? Ah, eu acho que é demais.

PROFESSOR FAGNER - Alguém mais ali? E aqui, do lado de cá? Estão tudo em cima do muro ainda ou não?

ALUNA - Aqui é tudo feirante, professor.

PROFESSOR FAGNER - Feirante por quê? Feirante por quê?

ALUNA - Pergunta difícil, professor.

PROFESSOR FAGNER - Qual é a maior dificuldade que você acha? Qual é a maior dificuldade?

ALUNA - Passar no Enem.

ALUNA - Enem.

ALUNA - Porque você estuda, aí quando chega na hora de provar que você sabe, você não sabe de nada. Simplesmente isso. Aí é melhor ir pra feira. É melhor feirar...

PROFESSOR FAGNER - Nas condições da minha família, origem simples, eles me ofereceram o melhor que poderiam me oferecer: o estudo e a escola pública. E ali eu pude me desenvolver, de tal maneira que ao longo da minha caminhada me tornei padre... me tornei padre, sou padre, na verdade. Eu pedi dispensa, me afastei do ministério, e hoje me dedico à educação, né... Tenho família, tenho uma esposa, tenho um filho pequenininho, de um ano e dois meses...

CAMILA - E Jesus também, ele já falou que no mundo a gente vai ter aflições, mas é pra gente ser forte. Porque se ele venceu o mundo, por que a gente também não venceria? Tipo, tem muitas pessoas que fazem o Enem e entram em depressão porque não passou...

ALUNA - Porque é muita pressão, a gente escuta demais aqui na escola Enem, Enem, Enem. Chega de tarde, no pré-universitário, Enem, Enem, Enem. À noite ainda

tem que estudar, tem trabalho na escola, tem prova, tem tudo, aí chega no final do ano vai pro Enem, não passa, aí pensa: “Meu Deus, o que foi que eu fiz o ano todo? Estudei o dia todo, ralei, ralei, cheguei aqui não passei...” Aí isso frustra demais a pessoa.

DAVID - Eu faço parte de uma organização chamada “Embaixadores do Rei”. Essa organização, ela tem como prioridade levar a mensagem de Jesus Cristo e recrutar jovens, assim como eu fui recrutado. E há um exemplo: eu tenho um conselheiro hoje, chamado Douglas, ele mora em Aracaju, negro, morou em periferia, e hoje é doutor em Química. Ou seja, a gente tem que tomar como impulso essas pessoas que realmente *passou* por coisas difíceis. E ninguém nunca falou que ia ser fácil. Até o próprio Jesus falou: “Quem quiser *vim* até mim pega sua cruz e siga-me.”

(TC - 00:08:35) PROFESSOR FAGNER (OFF) - Quantas vezes a gente se pega pensando: “Nossa, como eu era feliz naquele tempo que eu era mais criança.” Porque a criança que nós fomos ainda está aí dentro de nós. Ela cresceu, é verdade, mas está dentro de nós. O idoso que seremos está dentro de nós. Não em ato, mas em potência, conforme a compreensão e entendimento de Aristóteles. Veja que a lembrança, o pensamento nos ajuda, nos a realoca dentro do tempo, um tempo passado, presente, ou mesmo futuro.

(TC - 00:09:13) ALUNA - Quando a pessoa, ela tá apaixonada, aí a gente fica pensando, pensando, pensando, pensando na pessoa. Aí quando a gente percebe já queimou tudo dentro de casa.

PROFESSOR FAGNER - É?

ALUNA - É, professor. É, professor. A gente fica com o pensamento lá em cima. A mesma coisa quando a gente tá na sala: a professora acha que a gente tá prestando atenção, a gente tá bem assim, ó: tá com o pensamento lá longe.

PROFESSOR FAGNER - Imagem bonita, não? O que é que você espera encontrar quando olha pro espelho? Perfeição? O espelho nos rotula, não? Quando a gente olha pro espelho, o que é que a gente espera do espelho? Que não quebre, né?

Onde a máquina me leva não há nada

PROFESSOR FAGNER - Quem souber pode cantar a letra.

*Horizontes e fronteiras são iguais.
Se agora tudo o que eu mais quero
Já ficou pra trás
Qualquer um que leva a vida nessa estrada
Só precisa de uma sombra pra chegar
A saudade vai batendo e o coração dispara
Mas de repente a velocidade chora
Não vejo a hora de voltar pra casa
A luz do teu olhar no fim do túnel
E no espelho a minha solidão.
O céu da ilusão que não se acaba*

*A música do vento que não para
Será que a luz do meu destino
Vai te reencontrar?*

PROFESSOR FAGNER - Bonita a música?

CARLA - Não.

PROFESSOR FAGNER - Não?

CARLA - Sim, é bonita.

PROFESSOR FAGNER - Não? Sim? Você não gostou por quê?

CARLA - É meio estranho.

PROFESSOR FAGNER - Estranho? Mas essa mensagem que você ouviu, lhe chamou a atenção alguma palavrinha que tem ali? Alguma frase?

CARLA - "Quem sabe tudo estará sorrindo quando eu voltar".

PROFESSOR FAGNER - "Quem sabe tudo estará sorrindo quando eu voltar". Isso traduz pra você de que maneira, assim, alguma lembrança, algum acontecimento na sua vida? Expectativa também?

CARLA - No caso, se fosse pra sair de dentro de casa em busca de algo melhor pra minha vida, se eu voltasse, minha família estaria feliz por isso ou não.

PROFESSOR FAGNER - Sim. Você se preocupa com isso?

CARLA - Às vezes.

PROFESSOR FAGNER - Um pouquinho, né? Todos nós eu acho que passamos por isso. Alguém mais? O que é que te chamou mais atenção ali na música?

CAMILA - Que agora tudo que eu mais quero já ficou pra trás. Significa que o tempo passou muito rápido e ele não soube aproveitar. De uma certa forma foi isso que eu entendi.

PROFESSOR FAGNER - Sim. E veja que o tempo é essa dádiva que para nós é uma escolha quase que angustiante, né? E por isso que gera dúvida, principalmente no coração do jovem, que tá discernindo o que é que ele vai querer ser, né? "Será que essa escolha que eu quero vai me levar pra um caminho que vai me tornar feliz?"

CARLA - Professor, quem é que nunca foi motivado pelos pais? Por aquela profissão que os pais desejam?

PROFESSOR FAGNER - Sim!

CARLA - Porque os meus mesmo *queria* que eu fizesse medicina. Eu disse: 'Eu não quero'.

PROFESSOR FAGNER - Sim.

CARLA - Então...

PROFESSOR FAGNER - Mas é isso, é determinante: saber o que você quer.

CARLA - Sempre amei licenciatura, sempre amei pedagogia, estudei algumas coisas em casa mesmo pra psicologia. Gostei, só que não me interessei. Passei a amar filosofia. Só que agora eu desisti. Mano, eu sou uma merda. Eu sou uma merda de pessoa.

PROFESSOR FAGNER - Mas é isso aí. Agora é pensar o que é que você quer de uma vez. Se você acha que não é mais isso, então discerniu: não é mais isso. É o quê, então?

(TC - 00:15:15) PROFESSOR GERALDO - Nós estamos discutindo aqui, não vamos perder o foco. A discussão de uma fase do governo de Vargas que ele colocou indícios, características de governo totalitarista – que são governos marcados pelo forte autoritarismo, por leis extremamente fortes pra punir aqueles que não mantêm a ordem dentro da sociedade. Olha o que ele instituiu na Constituição de 37: a pena de morte. Vocês são a favor? Contra?

MILENA - Eu acho que eu não sou contra, não.

PROFESSOR GERALDO - Não é contra a pena de morte? Por quê? Vamos lá.

MILENA - Porque eu acho que depende muito do que a pessoa fez. Porque, tipo, eu assisto um programa com os casos lá dos Estados Unidos, e lá, em relação a isso eu acho que é um exemplo, não é que nem o Brasil, que prende, aí, Dia dos Pais vai e solta, e pronto. E a pena máxima é de 30 e ainda nem fica. Eu acho que sim. Ou prisão perpétua, ou pena de morte.

ISOLDA - Tem aqueles casos que não adianta, né...

MILENA - É, tem casos que não são necessários...

ISOLDA - Que não tem recuperação.

MILENA - Mas tem casos que sim. Esses casos agora de feminicídio, não acontece nada...

PROFESSOR GERALDO - Então...

ALUNO - Quando chega na eleição solta.

PROFESSOR GERALDO - Tá ok, deixa eu ver se eu tô entendendo. Vocês, então, desejam que as leis se tornem mais...

MILENA - Severas.

PROFESSOR GERALDO - Severas.

ALUNA - Mas nem pra todos...

MILENA - Pra quem for necessário.

ALUNA - Depende muito.

PROFESSOR GERALDO - Deixa eu colocar uma questão: vocês são a favor do aborto?

ISOLDA - Não.

MILENA - Não.

CARLA - Eu sou.

PROFESSOR GERALDO - Aí agora... Você é a favor?

CARLA - Sim, porque muita gente não tem condição de criar um filho, mesmo tendo prevenção.

ALUNA - Mas depende... Pode ser estupro...

PROFESSOR GERALDO - Na minha opinião, né, se eu for contra o aborto, o princípio básico é necessariamente que eu seja contra também a pena de morte. É a preservação do quê? Da vida.

ALUNO - Mas eu não compararia uma criança inocente com um bandido que comete o mal pra outras pessoas.

PROFESSOR GERALDO - Não acha que tornaria igual, não? Tirando a vida dele? Será que, de fato, retirar a vida...

ISOLDA - Eu acho que é muito forte. Agora, uma prisão perpétua... A pena de morte não, porque, assim, é... é muito radical demais, entendeu?

RAYSSA - Isolda! Isolda! Sabe por que não teria a pena de morte? Porque é assim...

ALUNA - É radical demais.

RAYSSA - Matou? Ele não matou? De uma certa forma... Mas no presídio, ele também vai ter as consequências. Tem muitos que não precisa nem ter que tirar a vida, eles mesmos já tiram.

ISOLDA - Vamos dizer que é instituída a pena de morte. A gente vê tanto, que há tanta injustiça, tanto erro que acontece na justiça que prende quem é inocente... Aí, se prender uma pessoa... vamos dizer que é inocente, pena de morte nela?

PROFESSOR GERALDO - E aí?

ISOLDA - E aí?

PROFESSOR GERALDO - Depois descobre que eu sou inocente.

ISOLDA - Que é inocente.

RAYSSA - Não vai poder voltar à vida.

ISOLDA - Não pode certas leis aqui porque aqui infelizmente...

MILENA - A justiça é fraca.

PROFESSOR GERALDO - Nós precisamos ter uma sensibilidade maior com relação a tudo isso.

(TC - 00:18:44) DANIELA - Diga.

ALUNA 1 - O professor Alisson, ele já foi embora.

DANIELA - Alisson Luís?

ALUNA 1 - Sim. Da integradora.

DANIELA - Ele esteve aqui hoje?

ALUNA 1 - Sim.

DANIELA - E foi embora?

ALUNA - Sim. E nas outras turmas a gente foi perguntar, ele não deu aula em nenhuma.

DANIELA - Não deve ter um dispositivo: "Não atenda diretor." Bom dia, Alisson. Você tá na escola? Ah, pronto.

ALUNA 2 - Ele vai *vim* dar aula?

DANIELA - Tá melhor?

ALUNA 2 - Passou mal.

DANIELA - Ah, pronto. Então hoje você não retorna, né?

ALUNA 1 - Não, tá passando mal ele.

DANIELA - Pronto. Tá bom, então. É só pra saber, pra poder dispensar a turma.

ALUNA 1 - Vamos embora.

ALUNA 2 - Tchau.

ALUNO - Segundo ano B não vai descer.

DANIELA - Por quê? Joaquim?

ALUNO - Joaquim não vai vir.

DANIELA - Que é essa turma aqui. Deixa eu olhar aqui o horário. O C tá liberado também.

(TC - 00:20:04) Numa sala? É reposição, é?

PROFESSORA MARCELA - não, já estou saindo.

DANIELA - Essa turma não tá na sala por quê?

PROFESSORA MARCELA - Porque Vilmar não veio, e eu juntei as duas turmas.

DANIELA - Ah, então deixa.

(TC - 00:20:16) DANIELA - Eu tô sendo praticamente diretora, coordenadora, engenheira... Porque a cada meia hora alguém me chama pra conferir um parafuso sei lá onde, uma porta que abre sei lá o quê, a encanação que fica sei lá como, e eu tô sendo obrigada a ter que entender de cada pedaço e milímetro de parede e de chão dessa escola, por conta dessa reforma. Então não dá pra *mim* pensar o tempo inteiro, a cada minuto no terceiro ano, no cronograma. Vamos avisar, vamos dar recado, porque não vai dar tempo. Porque eu sei o trabalho que foi feito aqui, que não foi o melhor de todos, que não foi perfeito, tá longe disso. Mas, diante das dificuldades de uma escola pública, vocês tiveram, sim, o que foi de melhor pra quem soube aproveitar. Mesmo faltando professor, mesmo com todas as adversidades.

(TC - 00:21:09) DANIELA - Diga, meu anjo.

ALUNA - A gente podia sair?

DANIELA - Para?

ALUNA - Ir comprar lanche.

DANIELA - Não.

ALUNA - Não pode não?

DANIELA - Não.

ALUNA - Obrigado.

DANIELA - Aguardem um pouquinho, a merenda tá sendo feita. Chame aí Karina, por favor.

ALUNA (OFF) - Professora!

(TC - 00:22:06) PROFESSOR MARCELO - Boa noite, pessoal.

ALUNAS - Boa noite! Boa noite, professor.

ALUNA 1 - Boa noite, professor. Eu não achei o livro dele.

(TC - 00:22:09) As aulas da noite começam 18h:50.
Agora são 19h:12.

ALUNA 1 - Gente, procurei no meu quarto todo e não achei. Deve ter ido pra Nárnia. Sabe quando tem um buraco no quarto?

ALUNA - Sei.

ALUNA - É Nárnia.

ALUNA - Deve ter ido... Sabe quando tem um buraco no quarto?

PROFESSOR MARCELO - Cadê o pessoal?

ALUNA - Ainda não chegaram.

PROFESSOR MARCELO - Nada?

ALUNA - Nada.

PROFESSOR MARCELO – Era pra ter vindo aqui: “Olha, eu quero que chegue cedo.

(TC - 00:22:31) PROFESSOR MARCELO - Tem mais alunos pra chegar? Tá todo mundo...

PROFESSOR SANDERSON - Pelo andar da carruagem, acho que vão demorar um pouco. Que horas agora? Sete e meia? Dou entrada do primeiro pro segundo, né? Se chegar, é pouca coisa.

(TC - 00:23:00) PROFESSOR SEBASTIÃO - Pra discutir essa temática eu coloquei alguns tópicos pra facilitar a compreensão. A gente vai abordando, vai discutindo, e a partir daí a gente vai construindo as ideias. Só uma pergunta: vocês estão nesta sala ou estão em outro espaço?

ALUNA - Nessa sala.

PROFESSOR SEBASTIÃO - Não é o que parece. Porque vocês dias estão aqui na frente, mas não parecem estar aqui. Vocês disseram que iam sentar aqui na frente porque agora iriam mudar de postura, pra compreender melhor, mas cadê, né? Ótimo.

Então vamos lá. Então vamos discutir essa temática, né, que ela é importante, um dos possíveis temas aí cotados pra redação do Enem. A questão da mobilidade urbana no Brasil.

(TC – 00:23:56) PROFESSOR MARCELO - Fica à vontade, entra aí. Cadê o pessoal? Era duas aulas de Eduardo, é? De certeza que Eduardo não vem?

ALUNOS - Humhum.

PROFESSOR MARCELO - Ele mandou recado? Hein?

ALUNA - Não.

PROFESSOR MARCELO - Pessoal, é o seguinte, olha: copiar essas questões, elas serão respondidas por vocês em casa, que depois eu vou dar o visto e vai valer ponto, tá bom? Mas eu já vou adiantar a aula de quinta-feira – que, aliás, pessoal, na quinta-feira eu vou faltar. Vou falar um pouco sobre a Guerra de Canudos. Os historiadores estimam que chegou a ter uma população próxima de 20.000 habitantes na época do auge do arraial. Quer dizer, uma cidade populosa para o padrão daquela época, né? E se reduziu a quatro homens: um velho, um homem e dois homens feitos. E que foram mortos logo depois de se render diante de 5.000 soldados, como diz lá o relato de Euclides da Cunha. Canudos não está muito longe da nossa cidade, e tem uma relação também com a nossa história. Antônio Conselheiro andou aqui na nossa cidade, depois a cidade vai receber as tropas do exército que vai passar por aqui também. Atualmente isso aqui, pessoal, está abaixo d'água. É um açude chamado Açude do Corcorobó, que foi feito no período militar. As ruínas da cidade *está* embaixo do açude.

(TC - 00:27:54) PROFESSOR EDSON - Duas voltinhas! Cabeça! Capreá! Bola!

ALUNOS - Para! Para!

PROFESSOR EDSON - Joelho! Perna! Barriga! Duas voltas!

ALUNA - Quantas voltas? Ai, meu Deus!

PROFESSOR EDSON - Joelho! Bumbum! Cabeça! Joelho! Bola!

(TC - 00:28:53) TAIANE - Seiscentos e setenta já dá pra entrar em odonto. Ano passado foi...

NATHALIA - 670 em Direito, e a gente fica em excedente.

TAIANE - A nota de psicologia é maior do que A de odonto. Porque psicologia não tem em Lagarto, só tem em Aracaju.

ALUNA - Então, em direito também, só tem...

(TC - 00:29:33) TODOS OS ALUNOS:

Parabéns pra você

*Nessa data querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida*

PROFESSORA VILMA - Obrigada, pessoal!

TODOS OS ALUNOS:

*Parabéns pra você
Nessa data querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida*

ALUNO - Professora, tem homenagem também ainda!

PROFESSORA VILMA - Obrigada! Obrigada!

ALUNO - Viva!

PROFESSORA VILMA - Vou chorar!

ALUNO - Vai preparar a foto de 42?

ALUNO - Você é mestre com os números. Ensina a fundamental ciência da matemática. Mas também é mestre em outros domínios. Pois não existe professora mais humana, carinhosa e paciente. Seus alunos adoram você, e das suas mãos saem preparados para os números, e não só. Parabéns, professora!

PROFESSORA VILMA - Obrigada!

ALUNO - Vem vocês aí, vem vocês!

PROFESSORA MARLUCE - Vem, Alisson!

ALUNA - Vamos logo! Digam jegue!

TODOS - Jegue!

(TC - 00:30:55) DANIELA - Quantas vezes a gente não diz palavras pra outra pessoa que *vai* machucar, que *vai* ofender sem a gente perceber, só num momento de raiva? Não é? Então, assim, os pais, eles não são perfeitos, nem sempre estão preparados pra cuidar, pra criar os seus filhos. Tenho certeza que com a situação que você passa você vai aprender a, no futuro, ser uma mãe diferente do que sua mãe é pra você.

ALUNA - Vou ser uma mãe muito melhor.

DANIELA - Então toda vez que sua mãe e seu pai brigarem e acabarem sendo injustos com você de alguma maneira, sempre pense que...

RAYSSA - A mim ninguém me abraça!

DANIELA - Sempre pense que...

RAYSSA - Cada propaganda...

DANIELA - Nem todo mundo nasce pronto pra ser pai e mãe. Vai aprendendo no dia a dia, tá?

ALUNA - Obrigada, Daniela.

DANIELA - Assim... Eu sei que vocês passam a maior parte do dia aqui na escola, certo? Ficam muito longe de casa...

ALUNA - Tá chorando, Daniela?

DANIELA - Não, é porque pensei aqui em outra coisa.

(TC - 00:32:48) FLAVIA (OFF) - O mais velho tem 32, aí tem uma menina depois dele, aí tem outra de 26, aí um de 24, outro de 20, 19, eu 18, aí depois de mim tem as gêmeas, aí tem a mais nova da minha mãe, que tem 13, e o mais novo do meu pai fez 3 anos.

(TC - 00:33:18) FLAVIA - Eu sempre fui muito apegada ao meu pai. E quando eles se separaram ele continuou morando perto da minha casa. Então no início era normal, mas quando ele se afastou foi ficando complicado. Porque ele morava longe, eu precisava estudar, ele precisava trabalhar, então ficou bem difícil de encontrar com ele. E depois de um tempo ele foi perdendo... Ele constituiu nova família, então eu acho que ele perdeu o apreço que ele tinha pela gente. Aí hoje a gente praticamente não se fala. É bem complicado.

JOÃO JARDIM - E isso atrapalhou teu estudo?

FLAVIA – Um pouco. Porque, como eu tava dizendo à Carol, eu me preparei a vida toda pra fazer uma coisa. Eu tinha estabilidade emocional, eu tinha estabilidade econômica, eu tinha apoio, e agora tá meio complicado. Porque a minha mãe parou de trabalhar, a gente vive de pensão que o meu pai dá, então eu não posso de jeito nenhum fazer agora uma universidade particular, eu não posso nem sonhar com isso, a não ser que seja financiada pelo governo. E interfere também no meu dia a dia. Porque, como ele não saiu da cidade, e eu acabei perdendo aproximação. E ele era a pessoa, depois da minha avó, a pessoa que eu mais amava. Machuca um pouco você ter perdido toda a... Eu digo que ele perdeu o amor. Com isso ele levou o meu...

(TC - 00:36:00) PROFESSORA MARCELA - Essa letra daqui, de Legião Urbana, ela fala sobre o quê?

ALUNO 1 - Por causa do suicídio de adolescentes.

ALUNO 2 - Da dificuldade de alguns pais aceitarem os filhos.

ALUNA - Da falta de diálogo entre os pais e os filhos.

PROFESSORA MARCELA - Falta de diálogo...

ALUNA - "Ela se jogou da janela do quinto andar."

PROFESSORA MARCELA - Então, exatamente, a letra fala de um suicídio, não é isso? E fala também da relação conflituosa de adolescentes com seus pais. E esse trecho, olha como é forte esse verso: "Você culpa seus pais por tudo, que isso é absurdo". Não é forte?

ALUNA - Assim, eu tenho uma parente minha que ela tava namorando com um rapaz. Só que aí ela chegou a conversar com a mãe e o pai. E os pais não aceitavam a relação com esse jovem. Aí ela se jogou do prédio e tirou sua própria vida. Se ela tivesse, era 14, 15 anos.

PROFESSORA MARCELA - O que é que leva um jovem a cometer suicídio?

ALUNO - Problemas na família.

PROFESSORA MARCELA- Problemas familiares.

ALUNO - Depressão. Abusos sexuais.

ALUNA - Abusos.

ALUNO - Ele ter uma imagem do futuro sem esperança.

PROFESSORA MARCELA - Uma imagem do futuro sem esperança. Perfeccionismo do adolescente de forma exagerada. Vocês concordam?

TODOS - Humhum.

ALUNA - Eu tenho um primo que ele já tentou se suicidar muitas vezes. Já se jogou no tanque, aí foram lá, ajudaram. Ele não assiste televisão, não ouve som lá, nada, não quer sair de casa... Só trancado.

ALUNA - O que, às vezes, para os pais, para os adultos, pode ser uma coisa pequena, para o jovem é importante.

PROFESSORA MARCELA - Muito importante.

ALUNA – Muito importante. Que é nesse momento que pode acontecer. A falta de diálogo. Os jovens, muitas vezes, não se comunicam por ter medo. Por temer o julgamento, por temer a falta de entendimento.

SUELAINÉ - Ele era um adolescente que foi passar um período no campo. Aí nesse período ele foi pra uma festa e encontrou uma garota. Ele se apaixonou à primeira vista. Só que ele não sabia que essa garota era comprometida. Ele continuou apaixonado, e tal. Só que essa garota tinha falado pra ele que não dava certo. Aí ele ficou sofrendo fracassos amorosos até que se suicidou.

PROFESSORA MARCELA - Qual o nome desse livro?

SUELAINÉ - “O Sofrimento do Jovem Werther”, de Goethe.

PROFESSORA MARCELA - Hum, que interessante. Então, eu trouxe justamente esse livro pra comentar. Você sabia que em 1774 esse livro, ele foi recolhido do mercado?

SUELAINÉ - Foi. Porque esse livro trouxe, assim, muitos adolescentes a se suicidar.

PROFESSORA MARCELA - Por isso que há essa divergência sobre falar ou não falar sobre suicídio.

(TC - 00:39:08) VITÓRIA (OFF) - Começava à noite. Eu sentia uma angústia muito forte, aí eu comecei a sentir vontade de me automutilar. Era quando eu sentia muita raiva, assim, de alguma coisa. Aí eu vinha e fazia isso com gilete. Às vezes, quando não tinha, eu quebrava algum copo, aí passava nos pulsos ou nas pernas. Aí minha mãe acabou descobrindo, só que ela não entendeu. Porque ela já é de uma família, assim, tipo que acha que depressão é frescura. Já pensei em me matar também, tanto é que eu já tentei: peguei a cartela dos antidepressivos que eu tava tomando e tomei todos. A minha mãe descobriu, aí me bateu, aí veio minha irmã, também me bateu porque eu não tinha motivos pra ter depressão – porque ela, acha, né, que eu não tenho. Que só eu sei o que passei já. Aí, às vezes, quando eu me sinto angustiada, que eu sei que não vou poder falar pra ela sobre isso, porque ela não vai entender, eu abraço ela. Simplesmente abraço, porque aquilo me ajuda, sabe? Quando dá aquele pânico, desespero, e me sinto sozinha, eu vou lá e abraço ela.

PROFESSORA MARCELA - Vou respirar. Quem comete suicídio quer morrer?

TODOS - Não.

PROFESSORA MARCELA - Qual é o objetivo do adolescente que comete...

ALUNA - Quer matar a dor.

PROFESSORA MARCELA - Né? Ele só quer se livrar dessa dor que ele tá sentindo no momento, né? E aí a gente vê tenta omissão, tanta coisa que foi negada pra esse adolescente. Eu acho que essa carta resume mais do que a ciência vem estudando, né, toda essa omissão.

ALUNA - “Acho que os pais devem aceitar seus filhos do modo que eles são, e saber que depressão não é frescura. Acredito que o diálogo, ele ajuda muito, pois o adolescente não se sentirá só e assim terá com quem contar.” Muitas das vezes os pais falam que o filho não serve pra nada, ou algo assim. E eu acho que o diálogo é a melhor coisa.

ALUNO - Eu coloquei diálogo também porque através do diálogo você irá perceber que não é só você que está passando pelo problema. Várias pessoas passam pelos problemas também, mas têm que enfrentar e saber que aquilo é só uma fase.

ALUNA - Eu coloquei ACREDITAR porque, assim, a partir do momento que o jovem começa a acreditar em si próprio, ele começa a ver as coisas diferente. Porque, por mais que a dificuldade esteja sempre presente, a partir do momento que o jovem acredita nele e se supera, as coisas irão mudar.

PROFESSORA MARCELA - Então os pais precisam trabalhar o dia todo, os pais são ausentes, os pais não conversam com seus filhos, que é o que vocês mais colocaram aí. Que é o que falta pro adolescente hoje em dia: o diálogo. Então a minha palavra é essa: é resiliência. Nunca percam essa vontade de recomeçar. Problemas existem, sempre existirão, mas a gente tem que olhar lá pro sol e amanhecer. Amanhecer todos os dias. Vocês querem ouvir toda? Então fiquem à vontade aí vocês.

*É só o vento lá fora
Quero colo
Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com você
Estou com medo tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três
Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito
É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há
Me diz por que é que o céu é azul*

(TC - 00:44:20) RAMON - Bom, eu sempre pegava minha mãe chorando no canto da casa. Eu sempre via a dificuldade que ela tinha pra se manter de pé, pra não deixar a gente... pra não deixar que a gente visse ela triste. A gente sempre via a batalha dela, eu e meu irmão. Ela que trabalhava pra colocar a comida em casa, ela que chegava pra gente e dava conselhos: “Meus filhos, vocês têm que estudar. Eu não tive oportunidade de estudar, mas vocês tiveram. Meu pai é um caso complicado. No começo ele humilhava minha mãe porque ele tinha o dinheiro e ela não tinha oportunidade de emprego. Depois ela conseguiu um emprego e ele só trabalhava na roça. A gente sabe que na roça você trabalha durante seis meses e nos próximos seis meses você fica esperando o resultado da colheita. Aí durante esse tempo ele não procurava desenvolver outras atividades. Nesse período a minha mãe é que comprava as coisas. Eu nunca cheguei pro meu pai pra pedir: “Meu pai, eu tô precisando disso. O senhor pode comprar isso?” Ele sempre dizia: “Não, vá procurar sua mãe.” Então eu sempre fui criado assim, pra procurar a minha mãe sempre. Então ela se tornou o pilar da minha vida. Eu e meu pai, hoje em dia, nós somos um pouco afastados porque eu não concordo com algumas atitudes dele, e algumas coisas que ele falava. Porque depois que meu pai e minha mãe se separaram, ele começou a difamar ela, começou a falar várias coisas que eu sabia que não eram verdade. Aquilo me machucava e machucava ela também. E eu nunca quis ver ela sofrer, por isso que eu me distanciei um pouco dele.

JOÃO JARDIM – Como que isso influenciou teus estudos, assim, teve alguma influência?

RAMON – Me influenciou a lutar ainda mais, a querer ainda mais. Porque eu sempre tento pegar os momentos difíceis da minha vida pra me motivar. Porque até a tristeza tem um lado bom, que é o aprendizado. Durante todo esse tempo eu aprendi muito. E eu quero conseguir alcançar os meus objetivos pra não ver a minha futura esposa, a minha futura filha, não passar pelas dificuldades que a minha mãe passou. E também ajudar minha mãe pra que ela consiga correr atrás do tempo perdido. Tempo perdido entre aspas, porque ela teve a gente pra poder cuidar dela quando a gente conseguir um futuro melhor. O meu objetivo de vida é fazer com que a vida dela tenha valido à pena todo esse tempo de sofrimento.

JOÃO JARDIM – E medo, Ramon? De que você tem medo?

RAMON – De não conseguir fazer isso. Tenho medo de um dia a minha mãe chegar pra mim e dizer: “Meu filho, não deu.”

(TC - 00:48:16) ISOLDA - Então, gente vou começar a falar sobre a Constituição. Uma das mais... a mais repressiva de todas, que é a que deu origem à ditadura militar no Brasil. Não era para o povo, não era pelo povo, não tinha conversa, não tinha diálogo: “Eu mando e você obedece.” Todos os partidos políticos existentes foram extinguidos, acabou a eleição. Quem mandava, quem ia exercer o cargo público executivo, ou seja, de presidente, eram apenas os militares, com eleições indiretas, o povo não tinha mais o direito do voto. Qualquer pessoa que se posicionasse contra eles tinha o perigo de ser demitido, de ser afastado do cargo, de ser cassado. Muitos também sumiam, né, ninguém sabia o paradeiro deles. O Ato Institucional Nº 5, ele concedia ao presidente os poderes de cassar mandatos, ou seja, algum ministro que se pôs contra ele, sai, tchau, não quero você mais aqui.

PROFESSOR GERALDO - Parlamentares também, né?

ISOLDA - Parlamentar, então eles cassavam todo mundo. Outra coisa também que esse ato suspendeu foi o *habeas corpus* para crimes políticos. Ou seja: pessoas que praticaram crimes políticos não podiam mais serem soltos.

RAYSSA - A gente viu, né, que pra gente estar aqui hoje podendo se expressar...

PROFESSOR GERALDO - Discutir, né...

RAÍSSA - Teve gente que morreu, e... Sei não, eu não me via, não... Assim... Eu sou do jeito que sou, mas pra tá na rua dizendo: “Ah, eu quero isso porque isso é meu direito!”, eu não me via não, viu?

PROFESSOR GERALDO - Não se via não, Rayssa?

RAYSSA - Não...

PROFESSOR GERALDO - Reivindicando coisas...

RAÍSSA - Porque, assim, se não tivesse tanta violência, por exemplo: eu vou lá na rua falar o que eu quero, é meu direito, com os meus colegas, e não tem nem policiais

pra agredir, jogar *spray* nem nada, eu estaria assim. Mas saber que eu posso tomar um tiro a qualquer momento e nada vai acontecer com eles? Deus é mais...

PROFESSOR GERALDO - Esse medo é compartilhado por vocês, também?

ALUNO - Com certeza.

(TC - 00:50:27) PROFESSOR GERALDO - Você durante a pesquisa, durante o processo de leitura, você percebeu a presença de uma outra instituição extremamente importante?

MARILIA - A Igreja Católica?

PROFESSOR - Isso. Qual a sua opinião sobre o papel da Igreja nesse momento? Assim, como é que você vê?

MARILIA - A Igreja por toda a História ela sempre defendeu em si os seus pontos de vista. Mas eu acho que nesses casos assim, talvez a Igreja devesse se retirar um pouco. Porque o ponto da Igreja é religioso, é pra um enriquecimento espiritual da pessoa. Então, algumas pessoas na Igreja não têm a propriedade suficiente pra falar de política como eles acham que têm. Então eu acho que a Igreja às vezes ela agride bastante a liberdade individual das pessoas só por acreditar que aquilo não é o melhor pra si, pra aquela crença.

RAMON - Tinha um cara com a placa: "ELEIÇÕES DIRETAS JÁ". E embaixo da placa tinha assim: "INTERVENÇÃO MILITAR". Eu pensei: "O que é que esse cara tá querendo?"

PROFESSOR GERALDO - Contraditório, não é, Ramon?

RAMON - Eu pensei: o que é que esse cara tá querendo? Ele não estudou História pra saber o que é ditadura e o que é democracia, o que é eleições diretas ou não? Na democracia a gente tem a oportunidade de pedir a ditadura. Mas na ditadura a gente não tem a oportunidade de pedir a democracia. A gente não pode se manifestar pra isso, não pode fazer greve pedindo a democracia estando na ditadura. Mas estando na democracia a gente tem a oportunidade de expressar o que a gente sente, expressar o que a gente quer.

(TC - 00:52:00) RAMON - Boto pra tocar?

*Amanhã vai ser outro dia
Amanhã vai ser outro dia
Hoje você é quem manda
Falou tá falado
Não tem discussão
Não
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu?
Você que inventou esse estado*

*Inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão*

MIQUÉIAS - “Apesar de você amanhã há de ser outro dia. Eu pergunto a você onde vai se esconder da enorme euforia. Como vai proibir quando o galo insistir em cantar? Água nova brotando e a gente se amando sem parar.” Então vamos imaginar, na época, uma época de muita opressão e vemos um ritmo que é meio contagiante, né, ritmo popular brasileiro. E é um grito de esperança de que, por mais que aquele momento que ele tava passando, ele tinha esperança de que algo novo iria surgir e um novo dia raiar.

PROFESSOR GERALDO - Você acredita nisso?

MIQUÉIAS - Como assim?

PROFESSOR GERALDO - De que sempre haverá esse novo dia? Que apesar de todas as dificuldades... Quando a gente estuda História do Brasil a gente costuma... Eu já tive alunos que viraram: “Professor... meu Deus, quando eu estudei a estrutura da política republicana brasileira eu tô ficando assim muito triste, eu tenho vergonha da história do país. Aí eu tô vendo em você, ao trazer Chico, uma espécie de que vale a pena conhecer a história do país apesar de tantas dificuldades.

MIQUÉIAS - Porque eu creio assim: que, por mais que demore, por mais que passe anos, por mais que passe gerações, a gente tem que ter no coração a esperança de que vai melhorar, né? E que, na verdade, se for analisar, sempre teve... Em toda a humanidade, sempre teve esses impasses. E que sempre, por mais que demorou... Eu sou evangélico e olho lá o povo do... dos... os Hebreus lá do Egito, que passou anos e anos sendo escravos do povo egípcio, mas que não perdeu as esperanças e Deus libertou. E assim eu vejo.

PROFESSOR GERALDO - Você tá usando esse paralelo bíblico, e eu digo assim: o povo Hebreu, ele tinha uma grande forma de resistência. Sabe qual é? Identidade cultural. A memória histórica. Eles sabiam de onde vinham. Eles sabiam quem eram.

FLAVIA - Eu sou preta, mulher, pobre e tô numa sala de aula estudando com pessoas brancas, com pessoas com a classe econômica superior à minha. Porque se eu tô aqui não foi por mim, porque pessoas morreram na ditadura militar. Com a Constituição de 88, eu, mulher, pude vir votar nas eleições de 2016 pra prefeito da cidade. Eu tô aqui querendo ensino superior, o que era raro, o que na nossa cidade não é tão comum. Agora um pouco mais do que há dez anos. Então, como é que o senhor acha que, tipo, a política de agora, como é que ela vai se desenvolver, como é que eu, enquanto mulher, enquanto preta...

PROFESSOR GERALDO - ...nordestina...

FLAVIA - ... enquanto nordestina, que deveria estar comendo capim, mas não tô... Como é que eu posso olhar pro meu cenário político e votar na ditadura?

(TC - 00:55:38) LOCUTOR 1 - ... pra presidente da república, Fernando Haddad 44 votos, Jair Bolsonaro obteve 16 votos nesta urna 516, Oliveira. Mas a apuração de presidente da república já vai...

LOCUTOR 2 - 50%, né?

LOCUTOR 1 - 56%.

LOCUTOR 2 - 56%?

LOCUTOR 1 - O número de votos brancos até o momento contabilizados no país inteiro: um milhão e quatrocentos mil votos brancos em todo Brasil...

LOCUTOR 2 - Eita, que é voto! Nulo?

LOCUTOR 1 - Nulos: quatro milhões e oitocentos mil. Votos nulos em todo o Brasil e o não comparecimento às urnas exatamente dezoito milhões.

LOCUTOR 2 - Quantos?

LOCUTOR 1 - Dezoito milhões de eleitores...

LOCUTOR 2 - ... que não compareceram...

LOCUTOR 1 - ... não quiseram chegar às urnas de jeito nenhum.

LOCUTOR 2 - Vixe!

NILSON KLAVA (GLOBONEWS) - "...88,44% das urnas apuradas, Jair Bolsonaro...

ALUNO - Eita, meu Deus!

NILSON KLAVA (GLOBONEWS) - ...do PSL, está à frente de Fernando Haddad, do PT, bem parecido com o que a gente acaba de dar na boca de urna, sendo que a maior diferença percentual tá justamente aqui em São Paulo, como a gente acabou de mostrar: 68,13 pra Bolsonaro, enquanto Haddad tá com 31,87.

(TC - 00:57:16) ALUNO DA BANDA - Mas ela é minha amiga, ela. Ela é minha amiga.

DANIELA - Você tá de carro, moto ou alguma coisa? Ô, meu Deus...

PROFESSORA VILMA - É o quê que você queria?

DANIELA - Era que você fosse lá no Giovani, que ele tá esperando lá pra poder pegar 10 boinas e uma luva que estourou da menina.

ALUNA DA BANDA - E a minha boina? Ainda não peguei.

DANIELA - Tá vindo aí já.

(TC - 00:57:50) DANIELA - Mais uma vez o povo da cidade vai dizer que a gente se acha e por isso a gente chega atrasado...

(TC - 00:58:04) DANIELA - Tava marcado pra quatro e quinze.

ALUNO DA BANDA - Já são que horas?

DANIELA - Quatro e quinze é a gente.

ALUNO DA BANDA - E já são que horas?

DANIELA - Cinco!

ALUNO DA BANDA - Já são cinco horas?

DANIELA - Cinco horas!

(TC - 00:59:51) PROFESSOR MARCELO - Pra calcularmos a distância entre dois pontos no plano, basta usarmos o quê? Raiz de $X^2 - X_1$ ao quadrado, mais $Y^2 - Y_1$ sobre quanto?

ALUNOS - Três.

PROFESSOR MARCELO - Pronto! E quem é YG? Quem é? $Y_1 + Y_2 + Y_3$ sobre quanto?

ALUNOS - Três.

PROFESSOR MARCELO - Três.

ROBERTY - Aí no caso vai usar ideia de razão, agora?

PROFESSOR MARCELO - Isso. Aí aqui embaixo tem é quanto? É só fazer o produto cruzado, que é a propriedade fundamental da proporção, né? Tudo bem? Compreenderam? Pronto. Aí, agora, será esse mesmo cálculo, será esse mesmo cálculo agora com todos os outros, olhe: B com quem? Com M2. Até aí todo mundo compreendeu ou tem alguém com alguma dúvida?

CLARA - Professora! Preciso lhe dizer uma coisa.

PROFESSORA MARLUCE? - Diga, meu amor.

CLARA - Pegue com a mão leve o meu texto hoje que é meu aniversário hoje.

PROFESSORA MARLUCE - Você quer que eu pegue o seu texto com a mão leve ou que eu corrija o seu texto como o avaliador do Enem vai corrigir? Só me responda.

CLARA - Não tem nem o que responder.

PROFESSORA MARLUCE - Então você não me peça.

CLARA - Não, mas só uma, professora. Só hoje.

PROFESSORA MARLUCE - Você vai fazer. A gente tem 14 dias até o Enem. Nem que você faça 14 vezes, você chega ao mil. Mas só vou te dar mil quando você tirar mil.

(TC - 01:01:18) DANIELA - Eles estão resistentes ao simulado, mas eles precisam fazer. Porque eles estão muito dispersos.

PROFESSOR - Estão.

DANIELA - Eles estão muito dispersos, e não adianta só colocar um professor lá pra dar aula não, eles estão totalmente dispersos.

PROFESSORA - Se pegar o resultado final que teve aí do pré... Aff Maria...

DANIELA - Do simulado?

PROFESSORA KARINA - Sim, do simulado, o provão. Que terrível...

PROFESSORA - Natureza e matemática. Natureza, se foram dois que conseguiram aprovação foi muito.

DANIELA - Eu acho que esse vai ser o pior ano de resultado da escola.

PROFESSORA KARINA - Mas é uma caixinha de surpresas. Teve ano que a gente achou que era pior e foi melhor.

(TC - 01:01:53) ISOLDA - Mas não há só estudo na vida.

ALUNA - E a escola, só porque a gente tá no terceiro ano, quer forçar a gente a passar no Enem, só que eles não sabem o que a gente tem...

ISOLDA - E eu não tenho que passar esse ano. Posso passar em qualquer ano da minha vida. Tem gente passando no Enem com 40 anos de idade. E aí? Essa mesma pessoa há uns anos atrás, ela foi pressionada no terceiro ano pra que ela tinha que passar. Vamos dizer, em algum concurso – que não existia Enem, mas em algum vestibular ela seria obrigada a passar...

ALUNA - Ninguém é obrigado.

ISOLDA - Ôxi.

ALUNA - Todo ano tem.

ISOLDA - Ai, mas se no próximo ano não tiver mais Enem? Tem vestibular.

RAYSSA - Tem a loteria pra gente tá jogando todo dia esse caraio aí e ficar milionário sem precisar de fazer o Enem. Que nada! Ôxi... tem que curtir também, minha *fia*.

(TC - 01:02:42) ALUNA - Aí, sabe o que você vai fazer agora? Vai pegar esses dois aí, que a água está velha.

LIVIA - Meu Deus, eu fiquei só com a parte pesada.

ALUNA - Foi. Porque você é forte! Aproveita e leva o baldinho. Aquele ali tem alça. O branco tem alça. Vá! Aí você encha de água e traga.

TAYANE - A gente precisa de 100 pães de queijo. Isso é pro auditório de amanhã, no sábado. Tem como? Porque os outros vão ser entregues nove horas. Só que esses pães de queijo vai ser pros professores, e ele vão estar chegando sete e meia.

ALUNA 1 - Eu vou ver aqui os horários pra gente ver certinho. Aqui. De sete e meia às oito e meia. Filosofia com professor Leonardo. Se o intervalo do primeiro lanche vai ser nove e meia...

TAYANE - Às nove e quarenta e cinco.

ALUNA 1 - Às nove e quarenta e cinco. Então a gente vai ter que buscar antes.

LIVIA - E a torta?

NATHALIA - A torta salgada e os dois bolos dos professores

MAYSA - A gente só tem 95 reais.

LIVIA - De reserva, viu, fia?

MAYSA - Sim, de reserva.

LIVIA - Porque se o professor pedir pra almoçar, a gente tem que dar? Nem sabíamos que seríamos capazes de fazer ISSO.

ALUNA 1 - Muitas pessoas iam querer.

NATHALIA - Tanto que o nosso coordenador até ficou impressionado com a nossa logística. Ele falou: as meninas com 17 anos vão conseguir fazer um aulão desse porte, dessa estrutura?

(TC - 01:04:14) ALUNA - Muita gente aqui tá em busca de... conhecimento. Então o silêncio vai ajudar bastante. Então eu peço que vocês colaborem. Caso não estejam a fim da aula ou estão esperando a próxima, saiam, fiquem lá fora, não tem problema algum. Mas aqui dentro da sala de aula a gente pede que vocês prezem o silêncio, porque isso vai ajudar bastante.

(TC - 01:04:39) PROFESSOR PAULO - Marx, ele faz uma crítica brutal ao liberalismo. O liberalismo é uma ideologia que nasce no fim do século XVII, século XVIII, e alcança o seu ápice com a Revolução Francesa com o lema: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, não é verdade? Dizendo que todos nós nascemos o quê?

Livres e iguais. Todos nós nascemos livres e iguais. O que é que Marx fala? Mentira. É tudo mentira. Como assim, professor? É mentira? Pra Marx. Professor, não entendi. Que data é hoje? Tá fazendo sol, né? Fernando de Noronha deve estar uma delícia, né não? Vamos? Não dá... Não dá pra ir. Por que não dá pra ir? Falta o quê? “Motivação”. Não é verdade? É, falta motivação. Não dá pra ir. Então vamos pro Timbó aqui perto? Dá pra ir? Não, não dá. Sabe por quê? Porque você tem que estudar. Tem que estudar. E depois vai ter que trabalhar. Sabe por quê? Porque pra Marx vocês fazem parte da classe trabalhadora, que significa, com perdão da palavra: os fodidos. São vocês que trabalham, são vocês que produzem e são vocês que são explorados. Então essa liberdade que se diz no mundo liberal burguês, não existe para Marx. O que existe na verdade é a ditadura do capital, você desde pequeno é educado de maneira ideológica que tem que trabalhar, produzir, e você não percebe o quanto você é explorado. Porque na prática o que é que você quer ser? Rico. Só que você não vai conseguir ser rico, porque pra Marx só é rico quem domina os meios de produção.

ALUNA - Falta Dayane.

ALUNA - Ei, tá na minha frente, pode sair.

(TC - 01:07:04) LIVIA - Sempre teve alguém depois de mim, sempre tinha o terceiro ano, sempre tinha o segundo. E agora eu sou o terceiro ano, então eu que sou o exemplo e isso é complicado... E você pensar também que depois daqui eu vou embora...

LIVIA - É uma nova fase e que eu não sei se estou preparada, mas... eu quero.

JOÃO JARDIM – Dá medo?

LIVIA - Dá. Muito medo.

JOÃO JARDIM – Sua mãe trabalha com o quê?

LIVIA - Ela é técnica de enfermagem. Ela fez o curso, ela também fez uma faculdade, mas ela não atua.

JOÃO JARDIM – Seu pai manda dinheiro pra vocês ou ela sustenta vocês sozinha?

LIVIA - Sozinha. Na verdade, meu pai não me ajuda em nada. Até quando eu estudava na escola particular, minha mãe foi até pedir ajuda, mas ele disse que não: “Filha de pobre tem que estudar em escola pública.” Então ele nunca me ajudou.

JOÃO JARDIM – Você tem contato com ele? Você e suas irmãs têm contato com ele?

LIVIA - Mais ou menos. A gente sabe onde ele mora, o número, e tal, mas a gente não procura muito falar. Ele também não procura.

JOÃO JARDIM – E como é que é isso pra você?

LIVIA - É normal.

JOÃO JARDIM – Como é que é aquele seu grupinho de amigas lá? Ele é bem legal, né? Organizaram um negócio... Fala um pouquinho do grupo de amigas, assim. Como é que é ter um grupo tão unido assim pra estudar, e tal?

LIVIA - Então... Eu acho bem interessante porque a gente não procura uma ser melhor do que a outra – principalmente agora no terceiro ano, que é algo muito importante, que é o Enem. A gente se uniu ainda mais, uma ajudando a outra... Quando a gente procura...

JOÃO JARDIM – Por que você ficou emocionada?

LIVIA - Porque... peraí...

JOÃO JARDIM – Um monte de gente chorou aqui, já.

LIVIA - Porque, assim... a gente não sabe o que vai acontecer com a gente, então uma vai pra um lado, outra vai pro outro, e a gente não sabe se vai ter o contato como sempre teve muitos anos... Eu acho que tem uns sete anos de amizade, e é complicado pensar... Sem ver elas todos os dias, entendeu? Sem ter elas pra compartilhar o cotidiano... E a gente sabe que sempre vai se distanciar, porque as vidas são diferentes.

(TC - 01:11:25) DAVID - Senhor Deus, meu Pai, Jesus muito obrigado, porque até aqui o Senhor nos ajudou. Perdoa os meus pecados, Senhor. Eu venho Te agradecer pelo dia de hoje, Senhor. Venho também Te agradecer, Senhor, pelo dia do Enem amanhã. Abençoa, Senhor, todas as pessoas que irão fazer o Enem, Senhor. Venha dar, Pai, vem acalmar o coração dessas pessoas, Pai. Abençoa, Pai, todos os nossos pensamentos, Pai. Nos ajuda, Pai. Que amanhã a gente venha colocar na nossa cabeça que é somente uma nota, ela não nos vai colocar rótulos, Pai. É somente uma nota, e nós somos capazes, Pai. Obrigado por tudo, abençoa a Camila, Pai. Abençoa a prova dela amanhã também. Abençoa todas as pessoas, Pai. Obrigado por tudo em nome de Jesus. Amém. Próximo tema...

(TC - 01:12:24) FUNCIONÁRIO 1 - 321.

FUNCIONÁRIO 2 - Foi.

FUNCIONÁRIO 1 - 233

FUNCIONÁRIO 2 - Foi.

(TC - 01:12:33) ARACAJU

FUNCIONÁRIO 1 - 220.

FUNCIONÁRIO 2 - Foi.

FUNCIONÁRIO 1 - 195

FUNCIONÁRIO 2 - Foi.

FUNCIONÁRIO 1 - 061

FUNCIONÁRIO 2 - 061

FUNCIONÁRIO 1 - 905

FUNCIONÁRIO 2 - 905

FUNCIONÁRIO 1 - 896

FUNCIONÁRIO 2 - 896

FUNCIONÁRIO 1 - 822

FUNCIONÁRIO 2 - 822

FUNCIONÁRIO 1 - 879

FUNCIONÁRIO 2 - 879

FUNCIONÁRIO 1 - 865

FUNCIONÁRIO 2 - 865

FUNCIONÁRIO 1 - 851

FUNCIONÁRIO 2 - 851

(TC - 01:14:23) RAYSSA - Dá pra mostrar aí?

ALGUÉM - Dá.

(TC - 01:15:15) Em 2018, o Colégio Milton Dortas tinha 371 estudantes matriculados no 3º ano. Aproximadamente 96 ingressaram no ensino superior público ou privado.

(TC - 01:16:06) PROFESSOR FACULDADE RAMON - Tem muitos estudantes que não têm... vocês não conhecem linguagem de programação, né? Esse é o primeiro contato.

(TC - 01:16:12) Universidade Federal de Sergipe

PROFESSOR FACULDADE RAMON – Aí teve que sair estudando primeiro Pascal pra depois pensar em programar.

(TC - 01:16:23) PROFESSORA FACULDADE FLAVIA - Vou começar a entregar a prova de vocês da disciplina Primeiros Socorros dos cursos de Biomedicina, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Educação Física.

(TC - 01:16:34) Faculdade Unirb

(TC - 01:16:39) PROFESSORA FACULDADE LIVIA - Porque, como eu disse, o foco da PEC, a nossa disciplina se chama o quê? Práticas de Ensino em Comunidade. O foco da PEC é exatamente o quê? A nossa ida aos territórios como uma forma de apresentar a vocês as realidades...

(TC - 01:16:53) Universidade Federal de Sergipe

PROFESSORA FACULDADE LIVIA - ... em saúde que circundam as diversas profissões que estão aqui em sala de aula.

(TC - 01:17:38) Terreiro Ilê Asé Rundê N'ljexá Yá Adêojômífá

(TC - 01:18:00) RAYSSA - Ó o cachorro. Quieta, viu? Laika, venha!

(TC - 01:18:45)

DAVID

Passou para Física

(TC - 01:18:51)

LIVIA

1º lugar em Farmácia

(TC - 01:18:56)

FLAVIA

Passou para Fisioterapia

(TC - 01:19:02)

RAYSSA

Fazendo curso de eletricista

(TC - 01:19:08)

CARLA

Está procurando emprego

(TC - 01:19:17)

ISOLDA

Vai tentar o Enem novamente

(TC - 01:19:22)

RAMON

Ciências da Computação

(TC - 01:19:27)

MAYSA

5º lugar em Engenharia

(TC - 01:19:41)

DANIELA
Diretora

(TC - 01:19:51)

GERALDO
Professor História

(TC - 01:19:55)

FAGNER
Prof. Filosofia

(TC - 01:19:59)

ANA KAROLLINA
Passou em pedagogia, mas vai tentar medicina.

(TC - 01:20:05)

VITÓRIA
Vai tentar Psicologia

(TC - 01:20:11)

CAMILA
Engenharia

(TC - 01:20:15)

SUELAINE
XXX

(TC - 01:20:19)

DARLLA
Direito

(TC - 01:20:21)

DARAH
Odontologia

(TC - 01:20:24)

MARCELA
Prof. Português

(TC - 01:20:25)

CLARA
Engenharia Eletrônica

(TC - 01:20:29)

MILENA
Vai tentar o Enem novamente

(TC - 01:20:34)

MARILIA

(TC - 01:20:38)

ROBERTY

Engenharia Agrícola

(TC - 01:20:39)

NATHALIA

Física

(TC - 01:20:42)

VILMA

Prof. Matemática

(TC - 01:20:46)

DANILO

Prof. Geografia

(TC - 01:20:50)

TAYANE

Odontologia

(TC - 01:20:54)

MIQUÉIAS

(TC - 01:20:57)

PAULO

Prof. Sociologia

(TC - 01:21:03)

SANDERSON

Prof. Inglês

(TC - 01:21:05)

MARLUCE

Prof. Português **(OBS – corrigir a grafia de Português no lettering do vídeo)**

(TC - 01:21:09)

MARCELO

Prof. Matemática

(TC - 01:21:13)

MARCELO

Prof. História

(TC - 01:21:17)

EDSON

Educação Física

(TC - 01:21:21)

SEBASTIÃO
Prof. Português

(TC - 01:21:24)

KARINA
Prof. Matemática

(TC - 01:21:49) ALUNA 1 - 1, 2, 3 e...

ALUNA 2 - Bom dia. Oi, para, viu?

ALUNA 1 - Deixa ela, deixa ela. 1, 2, 3 e...

ALUNA 2 - Bom dia. Eu sou aluna do Colégio e Centro de Excelência Doutor Milton...
Vai tomar na... É o quê?

ALUNAS - Somos! Somos!

ALUNA 2 - Eu sou do Colégio Doutor Milton Dortas. Vamos tentar de novo?

ALUNAS - Centro de Excelência Doutor Milton Dortas.

ALUNA 2 - De novo!

ALUNA 1 - 1, 2, 3.

ALUNA 2 - Bom dia, sou do colégio... Ó, eu vou falar do jeito que der pra falar. Vamos!

ALUNA 1- 1, 2, 3!

ALUNA 2 - Bom dia. Sou do Centro de Excelência Doutor Milton Dortas, e a minha
turma, Primeiro Ano C, vai apresentar uma lenda antiga... É antiga, é, é sim... Tá bom
assim?

ALUNA 3 - Uma lenda folclórica.

ALUNA 2 - Mas... Viu, vai. Última vez, viu, que eu vou fazer.

ALUNA 1- 1, 2, 3!

ALUNA 2 - Bom dia...

ALUNA 1 - Silêncio aí, vocês! 1, 2, 3!

FIM DA TRANSCRIÇÃO

